

**O PRONOME VOCÊ E SUA FORMA VARIANTE CÊ  
NA FALA CONQUISTENSE:  
SEMELHANÇAS OU DIFERENÇAS SOCIOFUNCIONAIS?**

Warley José Campos Rocha (UESB)

[warleycampos@live.com](mailto:warleycampos@live.com)

Valéria Viana Sousa (UFPB/UESB)

[valeriavianasousa@gmail.com](mailto:valeriavianasousa@gmail.com)

Jorge Augusto Alves da Silva (UFBA/UESB)

[adavgvstvm@gmail.com](mailto:adavgvstvm@gmail.com)

**RESUMO**

Na atualidade, há estudos linguísticos que são desenvolvidos através de duas teorias muito difundidas, a sociolinguística laboviana e o funcionalismo linguístico norte-americano, que, nestes casos, não raramente, são reconhecidas como sociofuncionalistas. Fundamentamos o presente trabalho, portanto, a partir do sociofuncionalismo (TAVARES, 2003), traçando caminhos por meio dos postulados de Sousa (2008), Santana (2014), Peres (2006), entre outros. Movidos pelo interesse em descrever o comportamento linguístico de duas representações de pronome de segunda pessoa do singular, a saber, o pronome *você* e o a sua forma variante *cê*, na comunidade de Vitória da Conquista (BA), objetivamos: (i) constatar a coexistência do pronome *você* e de sua variante *cê* no recorte dos *corpora* selecionados; (ii) comparar a produtividade de ambos, por meio de um levantamento quantitativo, considerando variáveis independentes/explanatórias linguísticas e extralinguísticas; (iii) constatar se o *cê* se gramaticaliza por meio do desdobramento polissêmico postulado Sousa (2008), comparando, consequentemente, os dados encontrados para as duas formas linguísticas. Metodologicamente, como *corpus*, foi feito um recorte dos *corpora* do Português Popular e do Português Culto da Comunidade de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC e PCVC), selecionando seis entrevistas de cada, distribuídas em três faixas etárias, em que, de cada uma, foram coletados dados de um homem e de uma mulher. Acreditamos que, por meio deste estudo sociofuncional, será possível verificar e tecer considerações acerca do comportamento linguístico da forma variante inovadora, o *cê*, no vernáculo da comunidade conquistense.

**Palavras-chave:** Pronome *você*. Variante *cê*. Sociofuncionalismo.

**1. Primeiras ponderações**

No campo dos estudos linguísticos baseados na relação língua e sociedade ou língua em uso, percebemos o interesse de alguns estudiosos em propor pesquisas que lançam mão de princípios teórico-metodológicos os quais se caracterizam por uma interface entre teorias. Neste cenário, podemos destacar os estudos que são pautados no sociofuncionalismo, que é, por conseguinte, uma proposta de conciliação entre duas

grandes teorias.

No presente trabalho, temos como orientação teórico-metodológica, portanto, os pressupostos sociofuncionalistas, à luz dos quais objetivamos investigar a coocorrência do pronome *você* e da sua forma variante *cê* no vernáculo da cidade de Vitória da Conquista, a qual se encontra na região Sudoeste do estado da Bahia. Interessa-nos, além disso, perscrutar o comportamento linguístico de ambas formas, levando em consideração, para tanto, fatores/variáveis linguísticos e sociais.

O presente artigo se configura em seções que se subdividem em outras partes. Portanto, temos a próxima seção, *O Sociofuncionalismo: uma conversa na interseção*, que se subdivide nas seguintes partes: (i) *Você e cê: semelhanças ou diferenças?* – comportando, nesta parte, outras subseções que elucidam as variáveis independentes/explanatórias linguísticas e extralinguísticas) –; *Um corpus: onde analisar?* – subseção a qual destinamos para a caracterização dos *corpora* selecionados para a pesquisa –; *Metodologia: um caminho a seguir* – quando descrevemos os caminhos metodológicos trilhados para a realização da pesquisa. Na sequência, discutimos os resultados encontrados na seção: *Os dados e as respectivas análises*. E concluímos o artigo a partir da seção: *Considerações possíveis até o momento*, seguida das *Referências* utilizadas no presente estudo.

## **2. O sociofuncionalismo: uma conversa na interseção**

Desde o final dos anos 80, podemos destacar estudos da língua (gem) nos quais é proposta uma interface entre dois grandes faróis norteadores da linguística, a saber: funcionalismo linguístico norte-americano e sociolinguística variacionista. Para tanto, precisamos estabelecer um diálogo entre ambos, de modo que seja possível destacar os seus pontos intercambiáveis e, assim, conceber a conversa na interseção. Os estudos que partem de tal orientação de pesquisa são, com efeito, concebidos como sociofuncionalistas.

Ao admitirmos a possibilidade<sup>25</sup> de se conciliar os pressupostos

---

<sup>25</sup> Embora seja possível estabelecer um diálogo entre as duas teorias referidas, reconhecemos também que há pontos com os quais tal diálogo se torna mais laborioso. Tavares (2003), por seu turno, propõe-se, em sua tese de doutorado, a fazer incursões profícuas sobre a orientação de pesquisa discutida, com o intuito de esclarecer o Sociofuncionalismo através de uma conversa na diferença como a própria estudiosa avalia.

funcionalistas e variacionistas com vistas a um estudo via sociofuncionalismo, necessitamos, por conseguinte, refletir sobre os pontos de congruência existentes. Nas duas teorias, portanto, observamos o interesse em estudar a língua em condições reais de uso, uma vez que, em função das pressões de uso pelos falantes, configuram-se processos de gramaticalização – abrigando, nesse pensamento, a ideia de que haja um movimento cíclico entre variação e mudança linguística, ao considerarmos ambas como passíveis de ser ora um ponto de partida de tais processos, ora um ponto de chegada (cf. TAVARES, 2003). Ademais, assumimos que os fenômenos de mudança linguística acontecem de maneira gradual e contínua, percebendo tal gradação e continuidade através de estudos que lançam mão da pancronia, isto é, de uma perspectiva de investigação que se vale tanto da pesquisa sincrônica quanto da diacrônica, visando, com efeito, a obtenção de análises mais refinadas. Podemos salientar, ainda, que fatores de ordem social são consideravelmente relevantes para os estudos sociofuncionalistas, pois os fenômenos de mudança podem ser caracterizados ou constatados em determinadas esferas do espectro social, tais como: escolaridade, faixa etária, regiões geográficas, classe social etc. (Cf. TAVARES, 2013)

Uma das bússolas que norteiam os estudos sociofuncionalistas é o postulado dos cinco princípios de Hopper (1991), a saber: estratificação; divergência; especialização; persistência; e decategorização (ou, descategorização). A estratificação corresponde à convivência de camadas inovadoras com conservadoras em um mesmo domínio funcional a partir do processo de gramaticalização; à luz da teoria variacionista, o mesmo fenômeno é compreendido como uma variação linguística em que formas variantes (conservadoras e inovadoras) coexistem na língua para fazer referência a um mesmo significado. A divergência, o princípio que, para alguns, pode ser concebido como um subprincípio do anteriormente descrito, refere-se à existência de formas linguísticas que procedem da mesma etimologia, mas que, diacronicamente, tomou rumos diferentes na língua (cf. MARTELOTTA, 2003), ou, também, quando um item linguístico assume funções distintas que divergentemente são utilizados pelos falantes mediante elementos pragmático-discursivos (cf. GONÇALVES & CARVALHO, 2007). A respeito da especialização, podemos verificá-la na língua no momento em que, mediante o convívio de formas/funções em um certo domínio funcional, ocorre um estreitamento de possibilidades, uma vez que uma ou mais de uma forma pode se especializar a um determinado uso pragmático-discursivo, de modo a fazer com que se dê cabo da coocorrência naquele domínio funcional.

Ainda sobre os princípios de Hopper (1991), podemos esclarecer o da persistência o qual consiste na presença de traços semânticos da forma original que se mantêm ao longo do processo de gramaticalização. E sobre a decategorização (ou, descategorização), entendemos como o fenômeno no qual há uma perda ou neutralização de marcas morfológicas, causando, portanto, uma mudança categorial de itens linguísticos que sofrem gramaticalização e migram de uma categoria mais lexical a outra mais gramatical ou, também, de uma categoria já gramatical para outra com nível de gramaticalidade mais elevada a de partida. Salientamos que, no objeto de estudo do presente trabalho, é possível verificar os cinco princípios de Hopper (1991), entretanto, direcionaremos o nosso olhar para os dois primeiros, a *estratificação* e a *divergência*, pois ambos caracterizam o processo de gramaticalização que os itens em estudo têm sofrido sincronicamente e o que pretendemos investigar nesta pesquisa. Para tanto, na subseção seguinte, elucidaremos os dois princípios que serão destacados, tomando como o exemplo o objeto de estudo deste trabalho.

### **2.1. *Você* e *cê*: semelhanças ou diferenças?**

De acordo com pesquisas que já foram desenvolvidas até o presente momento, concebemos a forma variante *cê* como um produto do processo de simplificação fonética que o pronome *você* sofreu diacronicamente. Devemos salientar, também, que o próprio *você* é, de igual modo, um produto do processo de simplificação fonética da locução nominal *Vossa Mercê*. A respeito das motivações para este estudo, ancorámo-nos em Loregian-Penkall e Menon (2012), as quais advogam:

O estudo – sincrônico e diacrônico – das formas de representação da segunda pessoa no Português do Brasil (PB) é necessário para que se possa tentar reconstituir a história e estabelecer a sua distribuição pelo território nacional. Ademais, como bem aponta Menon (2006, p. 154), à análise de *você* no século XX “cabe dedicar mais estudos e mais amplos, tanto diacrônicos quanto diatópicos, a fim de desmistificar certas afirmações genéricas que por aí medram e sobre as quais há muitas observações a serem feitas”. Descrever e mapear a distribuição das formas *você/ocê/cê* é um desses estudos que ainda está por ser feito em grande parte do país. (LOREGIAN-PENKALL & MENON, 2012, p. 228)

Então, observamos que o pronome *você* e sua variante *cê*, como variável dependente e, também, deste estudo, são o mote de pesquisas sociolinguísticas, funcionalistas e sociofuncionalistas. O presente traba-

lho, por seu turno, pode ser caracterizado como um estudo sociofuncional, uma vez que objetivamos, no geral, investigar o *você* e o *cê* como camadas/variantes que coexistem no vernáculo da comunidade de Vitória da Conquista (BA) (estratificação), os deslizamentos semântico-funcionais que ambas as formas têm sofrido (divergência), além de outras variáveis independentes/explanatórias linguísticas, assim como extralinguísticas que favorecem o uso de uma camada/variante e não o da outra ou vice-versa.

Portanto, nas três subseções que seguem, descreveremos os passos teórico-metodológicos com os quais nos orientamos para desenvolver o presente estudo, além de, concomitantemente, ilustrarmos, através de exemplos já dos *corpora* (a serem descritos adiante), as variáveis que selecionamos para investigação linguística do *você* e *cê*.

### *2.1.1. Variáveis independentes/explanatórias linguísticas*

Para este estudo, ainda incipiente, selecionamos três variáveis independentes/explanatórias linguísticas, a saber: (i) funções semântico-discursivas; (ii) forma antecedente; (iii) presença/ausência de elemento linguístico precedente. A seguir, explicaremos as variáveis independentes/explanatórias linguísticas selecionadas, sinalizando, também, quais são as hipóteses que lançamos a partir delas.

#### *2.1.1.1. Funções semântico-discursivas*

Segundo Sousa (2008), o pronome *você* pode assumir três funções semântico-discursivas: P1, P2 e Genérico. Conforme a tradição gramatical, o pronome *você* faz referência à segunda pessoa do discurso, neste caso, o sentido P2, canônico/prototípico. Entretanto, de acordo com a referida estudiosa, o pronome tem sido utilizado para fazer referência à primeira pessoa do discurso, isto é, a pessoa que fala, entendido, então, como o sentido P1. Além dessas duas possibilidades, há o sentido Genérico que consiste no uso do pronome para fazer referência não mais a um único referente (quer seja P1 ou P2), mas com um referente que comporte um grupo de pessoas as quais são caracterizadas por experiências ou propriedades comuns ao grupo.

Nesta pesquisa, assumimos que os sentidos postulados por Sousa (2008) podem, igualmente, ser encontrados no uso da forma variante *cê*.

Portanto, adiante, ilustraremos tais sentidos tanto através do pronome *vo-cê* quanto da sua forma variante *cê*.

- (01)I\* Muito um dia de trabalho [meu] é muito corrido viu, por que eu chego no trabalho tem que marcá serviço pra vários várias pessoas eh {ININT} quando '*cê* chega no trabalho [logo] pela manhã pega uns *pedrêro* marca serviço pra aquele *pedrêro* ali fazê, já *dêxa* aqueles *pedrêro fazeno* ali, já marca *ôtro* serviço pra os *carpintêro*, pra... pra encanadô e ali '*cê* quando '*cê* volta '*cê* chega lá no final da obra aí '*cê* volta pra conferí aquele trabalho ali todo quando '*cê* chega *ni* um às vez' tem um *fazeno* o serviço errado, '*cê* torna remarcá o mesmo serviço pra... pra ele fazê de novo quando *você* pensa que não já tá na hora de... de *você* já ir *encerrano* o dia porque é uma correria que nem eu mesmo que tomo conta de vários homem às vez' tem... tem hora mesmo que eu trabalho assim na construção é grande a obra é grande [é] em torno de trezentos, quatrocentos homens quando '*cê* chega no final de uma... de uma obra dessa quando '*cê* volta que '*cê* olha pro relógio tá na hora de *você* tá *parano* o trabalho ali de novo que já tão já é tarde então é muito corrido... muito corrido mesmo, tem dia '*cê* tá tão exausto que às vez eh... eh '*cê* chega em casa assim à noite dá vontade de *você* ficá isolado ali num canto sozinho pra porque a correria do dia a dia foi muito cansativo. (D.A.O. – M – PCVC – FAIXA 03)
- (02)I\* Aí tinha uma oficina dum... cidadão com o nome Pernambuco, ele era de Pernambuco, encostado a ... ao Bigode Pedral. Aí eu parei o carro fui lá, cheguei lá tava trabalhando ... sim Ló, *você* é de qual família aqui? *Você* é daqui? (Z.S.N. – M – PPVC – FAIXA 03)
- (03)I\*: O *Abergue cê* já visitou? (M.C.A.O. – F – PPVC – FAIXA 03)
- (04)I\* Com certeza. Muito importante. Hoje em dia mais ainda. Porque, se *você* num estuda, *você* num tem nada. Num tem futuro, num tem nada. Então, *cê* tem qui estudar mesmo. É um, um jeito de você viver a sua vida dignamente, é através do estudo. (S.S.C. – F – PPVC – FAIXA 01)

No turno enunciativo (1), notamos que as duas formas linguísticas que constituem nosso objeto de estudo coocorrem, além de serem utilizadas para se referir à pessoa que fala, isto é, um exímio caso do sentido P1. O informante, com o intuito de relatar um dia de trabalho, emprega alternadamente elementos de primeira pessoa do singular e de segunda pessoa singular, por exemplo: “[...] *eu* chego no trabalho [...]” e “[...] *cê* chega no trabalho [...]”; “[...] um dia de trabalho [*meu*] é muito corrido [...]” e “[...] à noite dá vontade de *você* ficá isolado ali num canto sozinho pra porque a correria do dia a dia foi muito cansativo”. Tal alternância, por conseguinte, sinaliza para o uso do pronome *você* e da sua forma variante *cê* com o intuito de fazer referência não a outra(s) pessoa(s), mas a si próprio.

Nos turnos enunciativos (02) e (03), encontramos o caso do *você* e do *cê*, respectivamente, como claros exemplos do sentido P2, isto é,

quando o falante faz o uso das duas formas para se referir à segunda pessoa do discurso, seu interlocutor. No turno (02), por exemplo, o informante faz o uso do *você* para se referir à pessoa quem o entrevistado, a ponto de, além do uso do pronome, lançar mão de um vocativo. Não muito diferente, no turno (03), o informante também se refere ao documentador, sem, neste caso, fazer o uso do vocativo.

Para finalizar as elucidações acerca da variável independente/explanatória linguística *funções semântico-discursivas*, no turno (04), o informante faz o uso das duas formas linguísticas em destaque, no entanto, não mais referindo-se a um único referente, isto é, P1 ou P2, mas a um grupo de pessoas com características afins ou compartilháveis entre elas. Quando o informante trata da necessidade do estudo na contemporaneidade e, para tanto, faz o uso do *você* e do *cê*, percebemos um tom genérico no uso das formas pronominais, ocasionando, por isso, uma indeterminação do sujeito, já que a ideia discutida é aplicável a não somente uma pessoa específica, mas a várias pessoas que se identificam e/ou tomam como verdade a importância do estudo. Portanto, deparamo-nos com exemplos da função semântico-discursiva genérica.

A nossa hipótese para a variável independente/explanatória linguística *funções semântico-discursivas* era a de que tanto o *você* quanto o *cê* fossem produtivos na amostra dos *corpora* selecionada, isto é, ambas as variantes dessa variável independente/explanatória apresentariam o desdobramento semântico triádico postulado por Sousa (2008), entretanto, suspeitávamos que o sentido prototípico fosse mais utilizado pelos informantes.

A seguir, compreenderemos a segunda variável independente/explanatória linguística, da qual também lançamos mão no refinamento da análise desta pesquisa.

#### 2.1.1.2. Forma antecedente

Nesta subseção, destacaremos outra variável independente/explanatória linguística, neste caso, a *forma antecedente*. Compreendemos a referida variável como a repetição de uma determinada forma pelo informante em uma dada sequência discursiva, sendo, ultimamente, tomada como um caso de paralelismo formal (cf. SANTANA, 2014). Vejamos um exemplo:

- (05)I\* Ah, aquela emoção do dia do casamento, **CÊ** nem vê tanta feiura né?, **CÊ** vê depois que **CÊ** olha pra Fo::to né? Tava parecendo que a cauda tava grudada por um+ por um, um anzol. Foi mermo (risos). (A.A.B. – F – PPVC – FAIXA 02)
- (06)I\* Não não tenho não porque é... assim... é um lugá que eu me sinto muito bem eu acho que eu não me adaptaria a um local como esse que **VOCÊ** falou assim que **VOCÊ** não conhece ninguém na rua que **VOCÊ** num vê ninguém na rua eu ach' que isso não me faria sentir bem morando. (C.B.S. – F – PCVC – FAIXA 01)

Então, diante do que notamos nos exemplos extraídos e ilustrados acima, hipoteticamente, acreditávamos que o uso de uma forma no início de uma sequência discursiva levaria ao uso repetido dessa forma utilizada a princípio ao longo da mesma sequência discursiva.

Na próxima subseção, evidenciaremos a última variável independente/explanatória linguística selecionada para o desenvolvimento da pesquisa.

### 2.1.1.3. Presença/ausência de elemento linguístico precedente

Em relação à última variável independente/explanatória linguística a ser explanada, a saber, *presença/ausência de elemento linguístico precedente*, tomaremos como base uma das considerações feitas por Peres (2006, p. 112): “Há [...] fatos curiosos a respeito da forma *cê*: um deles é a sua ausência – ou quase – em contextos em que *você* e *ocê* ocorrem normalmente [...]”. Ancorados nessa premissa, a partir dessa variável, verificaremos se a presença ou ausência de elemento linguístico precedente (des)favorece o uso de uma forma pronominal ou da outra. A hipótese que lançamos foi a de que a presença do elemento linguístico precedente favoreceria o uso do pronome *você*, já que este apresenta maior mobilidade em termos de funções sintáticas em oposição à sua *variante* que, sobretudo, assume a função sintática de sujeito da oração.

- (07)I\* Não, cálculo exatamente não. Envolve muita arte. **OCÊ** tem que tê muita arte pra sabê adequá... adequá uma coisa com a ôtra, né. Sabê se... se... eh... um certo tipo de... de... de decoração vai sê a cara daquele cliente. Tudo **VOCÊ** tem que fazê baseado no que o cliente gosta, no que vai satisfazê o cliente, né. O conforto do cliente. Então **VOCÊ** tem que tê a arte de sabê fazê o ambiente daquele cliente. (A.S.A. – F – PCVC – FAIXA 02)

O excerto de fala acima demonstra a ausência e presença do ele-



mento linguístico precedente à forma pronominal. Na subseção seguinte, elencaremos quais variáveis independentes/explanatórias sociais foram levadas em consideração para o desenvolvimento da pesquisa.

### 2.1.2. Variáveis independentes/explanatórias extralinguísticas

Para a nossa análise, partimos da premissa de que os fenômenos de variação e mudança linguística envolvem fatores linguísticos, mas, também, extralinguísticos. Estes, por sua vez, são caracterizados por elementos de ordem social. Então, nesta pesquisa selecionamos as variáveis sociais que seguem nas próximas três subseções.

#### 2.1.2.1. Faixa etária

Em relação à faixa etária, neste trabalho, verificaremos os dados a partir dos seguintes limítrofes etários:

- Faixa 01: informantes entre 15 a 35 anos de idade;
- Faixa 02: informantes entre 36 a 50 anos de idade;
- Faixa 03: informantes a partir de 51 anos de idade.

Ao considerarmos a forma variante *cê* como uma forma inovadora em relação ao *você*, constituinte, também, do quadro de representações pronominais de segunda pessoa do discurso, lançamos a hipótese de que as duas primeiras faixas etárias propagariam o uso da variante *cê* em detrimento da terceira faixa que, por sua vez, possivelmente, priorizaria a forma conservadora, no caso, o pronome *você*. A despeito das nossas pressuposições acerca da coocorrência, reconhecemos que, em função do uso, muitas vezes, as duas formas são usadas indistintamente por pessoas das faixas etárias 01, 02 e 03.

#### 2.1.2.2. Escolaridade

Quando se trata da variável escolaridade, precisamos nos atentar para questões como a forma de prestígio social em oposição à estigmatizada, por exemplo. No nosso estudo, assumimos que o pronome *você* relaciona-se com a forma de prestígio em contraposição à forma variante *cê*, que seria estigmatizada socialmente dentro de contextos cujo nível de

escolaridade seja alto. Por isso, hipoteticamente, acreditávamos que o pronome *você* seria priorizado na seleção pronominal dos falantes mais escolarizados, ao passo que a forma variante *cê* seria frequentemente empregado na fala de informantes com baixa escolaridade ou nula, não excluindo, obviamente, a coocorrência na fala dos dois polos.

### 2.1.2.3. Sexo

Selecionamos a variável sexo por acreditarmos que possa haver diferenças no comportamento linguístico dos homens e das mulheres. Labov (2008, p. 347), discutindo o papel das mulheres na promoção da mudança linguística, afirma que: “Podemos dizer que elas são mais sensíveis aos padrões de prestígio [...]”. Partindo de tal preconização, lançamos a hipótese de que as mulheres, possivelmente, prefeririam o uso do pronome *você*, ao contrário dos homens que, provavelmente, propagariam, em sua fala, a forma *cê*.

## 2.2. Um *corpus*: onde analisar?

Para realizarmos a presente pesquisa, motivados em descrever a fala dos moradores da comunidade de Vitória da Conquista (BA) e, além disso, ampliar o cenário dos estudos acerca das representações pronominais de segunda pessoa do singular no português brasileiro (PB). Selecionamos, portanto, dois *corpora* desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa em Linguística História e em Sociofuncionalismo- CNPq da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, que são extratos, com efeito, da fala culta e popular da comunidade linguística supracitada. A respeito das distinções dos *corpora* do Português Popular e do Português Culto da Comunidade de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC e PCVC, respectivamente), o *Corpus* PPVC é constituído por vinte e quatro entrevistas com informantes sem ou com até cinco anos de escolaridade, ao passo que o *Corpus* PCVC é composto por vinte e quatro entrevistas com informantes com onze anos ou mais de escolaridade. Ressaltando que ambos os *corpora* são estratificados em sexo e faixa etária nos moldes laborianos.

A seguir, apresentaremos quais os caminhos metodológicos tomamos para realização da pesquisa.

### 2.3. Metodologia: um caminho a seguir

Refletindo sobre um método para analisar os dados e fazer, ao final, considerações refinadas através dos dados coletados, optamos por fazer o uso do programa *GoldVarb* no processo de quantificação dos dados. Em relação à metodologia quantitativa nos estudos de descrição de língua, Guy (2007) argumenta:

[...] a pesquisa dialetal vem se amparando no aparato-padrão da metodologia quantitativa, incluindo o uso de tabelas e gráficos para a apresentação dos dados, medidas estatísticas para *resumir* os dados e fazer inferências sobre eles, testes de significância e confiabilidade e técnicas analíticas quantitativas. (GUY, 2007, p. 20)

Portanto, após a definição da variável dependente, das variáveis independentes/explanatórias linguísticas e extralinguísticas, delimitação dos *corpora* e seleção da metodologia, mostraremos adiante os resultados da pesquisa e o que eles, de alguma forma, sinalizam, ratificando ou refutando, com efeito, nossas hipóteses.

## 3. Os dados e as respectivas análises

Nesta seção, nos ocupamos de apresentar os resultados encontrados após as rodadas do programa *GoldVarb* e, a partir deles, fazemos as análises em consonância às nossas hipóteses.

### 3.1. As variáveis independentes/explanatórias selecionadas pelo *GoldVarb*

Após as rodadas, o programa selecionou cinco variáveis independentes/explanatórias, sendo duas linguísticas e três extralinguísticas/sociais. As linguísticas correspondem à *forma antecedente* e à *presença/ausência de elemento linguístico precedente*. A respeito das extralinguísticas ou sociais, o programa selecionou as três previstas, a saber: *faixa etária*, *sexo* e *escolaridade*. A seguir, ilustraremos os resultados a partir da tabela 01, na qual constam os pesos relativos da rodada considerada como a melhor pelo *GoldVarb*.

	<i>N/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso</i>
<b><i>Forma Antecedente</i></b>			
<i>Você Antecedente</i>	110/144	76%	0.66
<i>Cê Antecedente</i>	39/128	31%	0.31
<i>Nenhum Antecedente</i>	88/138	64%	0.52

<b>Elemento Linguístico Precedente</b>			
<i>Presença de Elemento Linguístico</i>	170/258	66%	0.60
<i>Ausência de Elemento Linguístico</i>	67/152	44%	0.33
<b>Sexo</b>			
<i>Homem</i>	70/164	43%	0.37
<i>Mulher</i>	167/246	68%	0.59
<b>Faixa Etária</b>			
<i>Faixa 01</i>	68/79	86%	0.76
<i>Faixa 02</i>	41/82	50%	0.20
<i>Faixa 03</i>	128/249	51%	0.53
<b>Escolaridade</b>			
<i>Escolaridade Baixa/Nula</i>	101/157	64%	0.69
<i>11 Anos ou Mais de Escolaridade</i>	136/253	53%	0.38
<b>Totais</b>	237/410	58%	<i>Input: 0.605</i>

**Tabela 01: Valores quantitativos das ocorrências de *você* em oposição a *cê***

Com relação aos valores quantitativos ilustrados na tabela acima, no tocante aos dados referentes ao pronome *você* do recorte dos *corpora* pesquisado, a partir das variáveis independentes/explanatórias linguísticas, podemos constatar os seguintes resultados: a respeito da variável *forma antecedente*, ao desconsiderarmos o valor quantitativo da variante *nenhum antecedente*, por equivaler exatamente à primeira aparição dos itens linguísticos em estudo no turno enunciativo, percebemos que uma vez utilizado o pronome *você*, haverá, com efeito, um favorecimento para que ocorra a repetição desta forma pronominal ao longo da sequência discursiva em detrimento do *cê*; sobre a variável *presença ou ausência de elemento linguístico precedente*, percebemos que há um favorecimento para o uso do pronome quando há algum elemento linguístico precedente.

Ainda no que diz respeito aos resultados da tabela 01, tomando como base, neste momento, as variáveis independentes/explanatórias extralinguísticas, comprovamos na amostra estudada que: o uso do pronome *você* está sendo favorecido, sobretudo, pelas mulheres, segundo os dados da variável *sexo*; de acordo com os resultados sinalizados pela variável *faixa etária*, observamos que a primeira faixa tem favorecido o uso do *você*; considerando a variável *escolaridade*, verificamos que os informantes caracterizados pela baixa escolaridade ou sem instrução formal têm favorecido o uso do pronome *você* em relação aos escolarizados como apontam os dados.

Adiante, destacaremos os resultados apresentados pelo programa, ressaltando, também, que os valores dos pesos relativos foram extraídos da melhor rodada segundo o próprio *GoldVarb*.

	<i>N/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso</i>
<b><i>Forma Antecedente</i></b>			
<i>Você Antecedente</i>	34/144	24%	0.34
<i>Cê Antecedente</i>	89/128	69%	0.69
<i>Nenhum Antecedente</i>	50/138	36%	0.48
<b><i>Elemento Linguístico Precedente</i></b>			
<i>Presença de Elemento Linguístico</i>	88/258	34%	0.40
<i>Ausência de Elemento Linguístico</i>	85/152	56%	0.67
<b><i>Sexo</i></b>			
<i>Homem</i>	94/164	57%	0.63
<i>Mulher</i>	79/246	32%	0.41
<b><i>Faixa Etária</i></b>			
<i>Faixa 01</i>	11/79	14%	0.24
<i>Faixa 02</i>	41/82	50%	0.81
<i>Faixa 03</i>	121/249	49%	0.47
<b><i>Escolaridade</i></b>			
<i>Escolaridade Baixa/Nula</i>	56/157	36%	0.32
<i>11 Anos ou Mais de Escolaridade</i>	117/253	46%	0.62
<b><i>Totais</i></b>	173/410	42%	<i>Input: 0.395</i>

**Tabela 02:** Valores quantitativos das ocorrências de *cê* em oposição a *você*

Em conformidade com a tabela 02, sobre as variáveis independentes/explanatórias linguísticas relacionadas à forma variante *cê*, no extrato dos *corpora* estudado, confirmamos que: em relação à variável *forma antecedente*, da mesma maneira que notamos com o *você*, a seleção da forma variante durante o turno enunciativo tende a ter maior favorecimento quando antecedida por outra ocorrência do *cê*; já com os resultados da variável *presença/ausência de elemento linguístico precedente*, observamos um comportamento linguístico diferente da forma variante em relação ao pronome *você*, pois o favorecimento do uso do *cê* nesta variável se dá através da ausência de elemento linguístico precedente.

Em relação aos resultados da tabela 02, acerca das variáveis independentes/explanatórias extralinguísticas voltadas para o (des)favorecimento do uso da forma variante *cê*, consideramos que: os homens tem favorecido o uso da variante *cê*, segundo a variável *sexo*; podemos notar que os informantes da faixa etária 02 têm sido favorecedores do uso da forma *cê*, em consonância à variável *faixa etária*; sobre a *escolaridade*, comprovamos que os informantes mais escolarizados têm propagado na sua fala a forma variante *cê*.

A seguir, algumas considerações acerca da variável independente/explanatória linguística eliminada pelo programa.

### 3.2. A variável independente/explanatória eliminada pelo Gold-Varb

Para este estudo, a variável independente/explanatória *funções semântico-discursivas* assume um papel relevante, já que através dela, podemos ampliar a análise e olhar para os dados tanto sob uma perspectiva de interesse da sociolinguística laboviana quanto do funcionalismo linguístico norte-americano, ancorando, portanto, nosso estudo ao sociofuncionalismo. No entanto, curiosamente, o programa não selecionou a referida variável, mas, por ela ser importante para a análise do comportamento linguístico das variantes da variável dependente, exibiremos a seguir os percentuais encontrados. Ressaltamos que foi necessário a criação de uma nova variante para esta variável, a saber, a do *dado ambíguo*. Isso se justifica pelo fato de observamos que alguns dados poderiam ser classificados ora como P1, ora como genérico, como, por exemplo:

(08) I\* a vizinhança é bem tranquila as pessoas são ótimas assim são acolhedoras te cumprimentam sempre que *você* passa ou pergunta com' é que *você* tá se *você* sumiu pergunta por que (C.B.S. – F – PCVC – FAIXA 01)

Diante do turno enunciativo acima, percebemos a possibilidade de análise que perpassa tanto pelo sentido P1 quando pelo genérico, sinalizando para a existência de uma linha tênue entre essas duas classificações semântico-funcionais. Então, quando o informante, indagado sobre o bairro que mora, descreve uma série de características que podemos entender como aplicáveis somente a ele, classificamos como P1, pois trataria de uma experiência particular, mais específica, não obstante, podemos, por outro lado, aplicar as informações a todos os moradores do bairro, e, neste caso, classificarmos como genérico, isto é, uma experiência comum ao grupo/moradores, menos específico, portanto.

A diante, evidenciaremos os resultados aos quais chegamos depois de rodar o programa.

	<i>N/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso</i>
<i>Funções Semântico-discursivas</i>			
<i>P1</i>	32/71	45%	–
<i>P2</i>	46/61	75%	–
<i>Genérico</i>	150/262	57%	–
<i>Dado Ambíguo</i>	9/16	56%	–
<i>Totais</i>	237/410	58%	<i>Input: –</i>

**Tabela 03:**  
Valores quantitativos da variável independente/explanatória eliminada: *você* em oposição a *cê*

Acima, na tabela 03, observamos que o pronome *você* se gramati-

caliza na fala da comunidade de Vitória da Conquista. Em relação aos dados, percebemos que a frequência de uso é destacável, sobretudo, na função semântico-discursiva de genérico. Sendo, portanto, o valor Genérico mais frequente que o a forma prototípica que o valor de P2.

	<i>N/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso</i>
<i>Funções Semântico-discursivas</i>			
<i>P1</i>	39/71	55%	–
<i>P2</i>	15/61	25%	–
<i>Genérico</i>	112/262	43%	–
<i>Dado Ambíguo</i>	7/16	44%	–
<i>Totais</i>	173/410	42%	<i>Input: –</i>

**Tabela 04: Valores quantitativos da variável independente/explanatória eliminada: *cê* em oposição a *você***

Em relação à forma variante *cê*, conferimos, também, a presença da extensão de sentido, isto é, a variante igualmente tem se gramaticalizado nos três sentidos previstos por Sousa (2008). Percebemos, ainda, que o função semântico-discursiva de valor genérico, também, é utilizada mais frequentemente que a função prototípica prevista para variante *cê*.

#### **4. Considerações possíveis até o momento**

Partindo para as últimas considerações deste, salientamos que esta pesquisa pode ser concebida como um estudo em andamento, pois, embora tenham sido extraídas seis entrevistas de cada *corpus*, interessa-nos, na verdade, mapear o comportamento linguístico dos dois itens estudados no universo total dos dois *corpora*, ampliando as variáveis independentes/explanatórias linguísticas, com o intuito de refinar a análise dos dados. Portanto, as considerações feitas são as possíveis até o momento, visto que se trata de uma abordagem preliminar do processo de mapeamento sociofuncional do pronome *você* e sua forma variante *cê*.

De acordo com as hipóteses que lançamos ao longo das explicações das variáveis independentes/explanatórias linguísticas e extralinguísticas, podemos fazer as seguintes considerações acerca da amostra estudada: os dois itens em estudo coocorrem no vernáculo conquistense, além disso, eles se gramaticalizam, sofrendo extensão semântica e desdobrando-se nos três sentidos/funções postulados por Sousa (2008); em relação à forma antecedente, tanto o pronome quanto a variante tendem a se repetir, ao longo da sequência discursiva, uma vez utilizados; sobre a presença/ausência de elemento linguístico precedente, comprovamos

nossa hipótese de que a presença do elemento favoreceria o uso do pronome, ao passo que a ausência favoreceria o uso da variante; tivemos também a hipótese sobre a variável sexo confirmada, uma vez que as mulheres favorecem o uso do pronome *você*, em oposição aos homens que apregoam em sua fala a variante *cê*; no tocante à variável faixa etária, tivemos nossa hipótese parcialmente refutada, pois a faixa 01 favorece o uso do pronome *e* e a faixa 02 favorece o uso da variante *cê*, o que nos mostra para uma coocorrência estável na terceira faixa; e, por fim, tivemos a hipótese da variável escolaridade contestada, uma vez que, ao contrário do que hipotetizamos, os informantes com baixa escolaridade, ou quase nula, na nossa amostra, têm favorecido o uso do pronome *você*, ao passo que, os informantes mais escolarizados promovem o uso da variante *cê* no vernáculo conquistense.

Em vias de conclusão, consideramos essa pesquisa, ainda que incipiente, conforme já mencionamos, uma forma de sinalização para tendências na fala da comunidade de Vitória da Conquista (BA), fazendo com que paradigmas preconizados sejam refutados e, quiçá, destronados, para dar lugar a outros e, desta maneira, comprovarmos o caráter vivo da língua que se metamorfoseia constantemente.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GONÇALVES, S. C. L.; CARVALHO, C. dos S. Critérios de gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDEZ, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Org.). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.

GUY, G. R. Introdução à análise quantitativa da variação linguística. In: \_\_\_\_; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

HOPPER, P. On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Orgs.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-36.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LOREGIAN-PENKAL, L; MENON, O. P. da S. Você, ocê (?) e cê em Curitiba, Paraná. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, vol. 15, n. 1, p. 223-243, 2012.

MARTELOTTA, M. E. A mudança linguística. In: CUNHA, M. A. F.



da; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2003.

PERES, E. P. *O uso de você, ocê e cê em Belo Horizonte: um estudo em tempo aparente e em tempo real*. 2006. Tese (de Doutorado em Letras: Estudos Linguísticos). – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

SANTANA, N. M. O. Indeterminação do sujeito no português rural do Semiárido baiano. In: ALMEIDA, N. L. F. de; CARNEIRO, Z. de O. N. (Orgs.). *Variação linguística no semiárido baiano*. Feira de Santana: UEFS, 2014.

SOUSA, V. V. *Os (des)caminhos do você: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você*. 2008. Tese (Doutorado) – UFPB, João Pessoa.

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. 307f. Tese (Doutorado em Linguística). – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

\_\_\_\_\_. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. *Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura*, vol. 17, p. 27-48, 2013.